



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

CIRCUITO IMAGEM EM MOVIMENTO: o que ele revela sobre a prática docente de ensino de cinema dos professores participantes

Isabel Alves Corrêa de Abreu¹

José de Sousa Miguel Lopes²

Resumo

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o programa Circuito Imagem em Movimento, da Prefeitura de Belo Horizonte, e o que ele revela sobre os professores participantes. O objetivo central é investigar e analisar os efeitos do Circuito na prática de ensino de cinema dos professores, delineando as trajetórias pessoais e profissionais desses docentes no que tange às relações com a “Sétima Arte”. Busca-se entender as configurações com que esses professores trabalham o cinema na escola, e, ainda, se o programa interferiu ou influenciou suas práticas de ensino de cinema. De natureza qualitativa, a metodologia adotada é dividida em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Foram estabelecidos como métodos de coleta de dados: entrevista, análise de documentos e observação. Em andamento, a pesquisa se encontra na fase de coleta de dados. Os resultados parciais indicam que os participantes do estudo possuem uma relação pessoal forte com a “Sétima Arte”, ligação esta que se desenvolveu ao longo da vida. Sugerem também que o cinema ainda vem sendo utilizado de forma instrumentalizada nas escolas e que as atividades do Circuito Imagem e Movimento atuam significativamente na prática docente. Com a participação dos professores no Circuito, o cinema como linguagem vem sendo introduzido nas escolas, seja por meio das sessões comentadas oferecidas pelo programa, pela produção de curtas metragens pelos alunos, e ainda, pelas atividades teóricas propostas pelos docentes em seus projetos.

Palavras-chave: Educação; Cinema; Circuito Imagem e Movimento; Professor

¹ Mestranda em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais. Bacharel em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA e Licenciada em Artes Plásticas na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: isabel.alvesdeabreu@gmail.com

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela mesma instituição. Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Professor no Mestrado em Educação e Formação Humanada da UEMG.

O Cinema se tornou, na contemporaneidade, uma das artes mais apreciadas e difundidas na nossa sociedade. Tendo múltiplas facetas que perpassam desde do Cinema Arte ao Cinema comercial e popular, atinge públicos de diferentes idades, classes sociais, gênero ou cor, tendo como potencial não apenas o entretenimento, como também a possibilidade de denunciar realidades, discutir temáticas relevantes para a sociedade e formar opiniões. Por toda essa potencialidade, esse segmento artístico tornou-se um conteúdo obrigatório na educação formal. Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte – PCN (1997;1998), e como a recém lançada Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2016) determinam que o Cinema deve ser trabalhado por professores de arte do ensino Fundamental I e II. O cinema brasileiro também vira exigência no espaço escolar pela lei 13.006/2014, que prevê a obrigatoriedade para todas as escolas de educação básica de exibirem pelo menos duas horas de cinema nacional por mês, sendo a exibição um objeto curricular complementar, vinculado à proposta pedagógica escolar. Nesse sentido, independentemente da formação do professor (específica em artes visuais, música, teatro ou dança ou Pedagogia), da estrutura física e tecnológica da escola ou realidade em que os alunos estão inseridos, o Cinema se torna um conteúdo a ser trabalhado no currículo escolar. Com essa exigência estabelecida pelo Governo, surge a demanda por parte das escolas e docentes por possibilidades de se trabalhar a linguagem em sala de aula.

Para além da recomendação e mesmo da obrigatoriedade prevista por lei, é importante reconhecer que a “Sétima Arte” carrega em sua constituição toda uma potencialidade que é muito bem-vinda no contexto escolar. Sua linguagem abre um leque de possibilidades, podendo contribuir na formação do professor, como Fresquet (2010) e Teixeira, Grammont, Azevedo (2014) argumentam. Segundo esses autores, o cinema prepara o docente para lidar com as novas configurações de comunicação audiovisual e ainda possibilita um aumento da sensibilidade dos professores com relação ao corpo discente, ajudando-os a entender as limitações, capacidades e o contexto de vida dos alunos.

A “Sétima Arte” também tem potencial para ampliar a visão de mundo dos estudantes, pois é um canal para olhar para o outro, criar vínculos com a sociedade e conhecer outras culturas, diferentes manifestações de identidade, diferentes pontos de vista espalhados pelo mundo (BERGALA, 2012; SILVA, 2014). Além disso, o cinema possibilita aos alunos não apenas adquirir conhecimentos formais de arte, como também de aprofundar a capacidade de fruir,

analisar e avaliar uma manifestação cultural e artística, como defendem Fantin (2004), Fresquet (2008) e Bergala (2012).

Um levantamento de artigos sobre cinema e educação foi realizado nos anais dos encontros nacionais e regionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED e nos anais das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Artes Plásticas – ANPAP (ABREU, 2018). Os levantamentos foram realizados consultando os arquivos disponibilizados online e pré-selecionando todos os arquivos com a palavra “cinema”. Foi observado que embora existam discussões teóricas que abordam o cinema nas salas de aulas, é recorrente sua utilização como uma ferramenta. Em um recorte de três anos de ANPED (encontros nacionais e regionais), foram encontrados no momento da busca, 37 artigos que discutiam cinema nas escolas. Destes, apenas três trabalhavam especificamente o cinema como linguagem. Os anais ANPAP, dentro de um recorte das últimas cinco edições nacionais, apenas oito artigos sobre cinema foram encontrados. Nenhum trabalho abordou o cinema sob o viés da educação.

Esses levantamentos evidenciam a carência de estudos que busquem entender melhor a presença do cinema nas escolas, em especial, sob o ponto de vista do professor. Os dados apontam ainda a necessidade de o cinema ganhar um espaço mais relevante como arte dentro da prática pedagógica assim como as outras expressões artísticas vem lutando para conquistar. Existem projetos que almejam estreitar os laços entre a escola e o cinema, projetos que priorizam o Cinema como Arte e que podem servir de exemplos para mudarmos nossa configuração atual.

Em Belo Horizonte, a criação do Circuito Imagem em Movimento em 2017, iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED em parceria com o Museu de Imagem e do Som - MIS, o Sesc Palladium, e o Museu da Imagem e do Som Santa Tereza, possibilitou o acesso de professores e alunos a uma imersão na linguagem cinematográfica. O programa leva professores e seus alunos para assistir a exibição de filmes, seguida de rodas de conversas nos Cines Santa Tereza e Sesc Palladium, e à uma visita guiada ao MIS. Com essa prática, as sessões comentadas e a visita ao museu passam a fazer parte de um planejamento didático elaborado pelo professor participante do programa. Qualquer professor da Rede Municipal de Educação pode participar, independentemente de sua formação ou da disciplina que leciona. Para tanto, precisa submeter um projeto ao edital aberto pela SMED anualmente e

ser selecionado. Nesse sentido, o programa Circuito Imagem e Movimento se destaca em Belo Horizonte, se tornando um objeto de estudo produtivo para ser investigado.

Nas escolas, os professores medeiam a relação entre o aluno e a arte. São eles os responsáveis por trabalhar o conteúdo de arte estabelecido pelo governo, mesmo quando não possuem uma formação específica na área. Logo, com a obrigatoriedade do cinema no espaço escolar, fica a cargo do professor inserir o cinema na sala de aula. Sendo assim, antes de buscar entender a prática docente e se o Circuito consegue, de fato, promover uma educação estética do cinema como linguagem, torna-se importante conhecer o perfil desses professores, sua motivação para se inscrever no projeto e como eles entendem a presença do cinema no espaço escolar. São todos professores de arte? Por que resolveram participar? Esses professores têm conhecimento das obrigatoriedades estabelecidas pelo MEC e pela Lei 13.006? Quais suas relações com a “Sétima Arte”? Já ministraram conteúdos de cinema antes?

Essas questões definiram o tema da pesquisa, a qual tem como objetivo central investigar e analisar os efeitos do *Circuito Imagem em Movimento* na prática de ensino de cinema dos professores, delineando as trajetórias pessoais e profissionais desses docentes no que tange às relações com a “Sétima Arte”. Busca-se entender as configurações com que esses professores trabalham o cinema na escola, e, ainda, se o programa interferiu ou influenciou suas práticas de ensino de cinema. De caráter qualitativo, a metodologia de pesquisa está dividida em três etapas: pesquisa bibliográfica; pesquisa de campo e análise dos dados. A pesquisa bibliográfica teve como foco livros e artigos sobre o ensino de cinema. A pesquisa de campo utiliza três instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada realizada com os professores participantes do *Circuito*, observação das sessões comentadas do Sesc Palladium e Cine Snata Tereza e visita mediada do Museu da Imagem e do Som; e análise dos projetos escritos pelos professores para participação no programa. Para a análise dos dados, será realizada a triangulação entre os resultados obtidos através de cada instrumento e os conceitos teóricos pesquisados.

O cinema na Escola

A história do cinema se iniciou no final do século XIX quando as produções eram da ordem da atração, cuja finalidade era apenas espantar ou maravilhar. Em seguida surgiu o cinema de

transição, que marca o início das narrativas, o desenvolvimento de uma profundidade psicológica, acompanhada de sequências mais longas, inovações de enquadramento, montagem e produção de cenário. Griffith (1875-1948) fez com que o cinema se aproximasse das narrativas literárias, inovando na narrativa com a montagem paralela capaz de estabelecer uma nova relação entre público e obra. Um filme não era mais uma história linear, plana e sem aprofundamento. Passou a ser preciso pensar e a estabelecer conexões para se fruir um filme. Depois disso, tivemos as vanguardas (expressionismo alemão, impressionismo francês, o surrealismo, entre vários outros movimentos). Cada um, com seu desenvolvimento estético próprio e com narrativas cada vez mais sofisticadas, as quais foram aumentando a potencialidade do Cinema, aproximando-o cada vez mais do conceito de arte como conhecemos hoje.

Segundo Duarte (2002 apud METZ, 1980), o cinema se configura como uma arte de estrutura multidimensional. Ele envolve não apenas uma rica gama de área de atuação ao longo do processo de produção de um filme - produção técnica e financeira, casting dos atores, equipe artística, equipe técnica, recursos tecnológicos – como também, uma infinidade de ramificações que extrapolam a produção audiovisual. Entre elas, aparecem a produção de livros sobre cinema, a indústria midiática gerada em torno dos filmes, os contextos socioculturais, a recepção do público, a bilheteria, as críticas, dentre outras. O cinema se destaca, ainda, por ter como peculiaridade uma pertença mútua em dois mundos distintos. Ao mesmo tempo que integra a cultura de massa e da comunicação, se configura como uma forma de arte coletiva e sofisticada (NAPOLITANO, 2003).

Alcançando a sociedade de diferentes formas, é de se esperar que aspectos mais subjetivos que tangem as configurações da sociedade também sejam influenciados por essa forma de arte. Nesse sentido, como evidenciam Teixeira e Lopes (2008), é preciso reconhecer e reafirmar que o cinema é uma expressão artística que envolve a experiência estética e a afetividade, se configurando como uma forma de olhar o mundo.

É uma expressão do olhar que organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo. Uma ideia histórico social, filosófica, estética, ética, poética, existencial, enfim. Olhares e ideias postos em imagens em movimento, por meio dos quais compreendemos e damos sentido às coisas, assim como as ressignificamos e expressamos (TEIXEIRA; LOPES, 2008, p. 10).

Teixeira e Lopes (2008) afirmam que o cinema ultrapassa toda a técnica que o constitui, abraçando uma habilidade ideológica intrínseca em si. Ao inventar ficções ou reavivar histórias reais, ele participa no processo de criação de uma memória coletiva da sociedade, ao mesmo tempo que oferece uma possibilidade de entendimento e reconhecimento “dos problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetemos” (TEIXEIRA; LOPES, 2008, p.10).

Uma vez que o cinema atua diretamente na formação do indivíduo, a prática de ver filmes, seja no cinema ou em casa, passa a ser vista também sob a ótica educacional. Quando o simples gesto de ir ao cinema, alugar um filme, escolher produções para assistir, sozinho, ou coletivamente, vira uma prática social fundamental na formação de identidade, do ser, do entendimento do outro e da sociedade, ter o domínio dessa linguagem se torna fundamental para se constituir um ser ativo, autônomo e crítico na nossa sociedade. Assim, o cinema ganha espaço de discussão em diversos espaços da educação (DUARTE, 2002).

Recapitulando a trajetória do cinema no que tange seus entrelaços com a educação, Ferreira (2018) nos elucida sobre como a Sétima Arte, quando fomentado pelo governo na Era Vargas, posteriormente no regime militar e depois, com a Embrafilme, exautava o caráter pedagógico dos filmes, muitas vezes usando essa forma de arte como uma ferramenta de manobra e/ou manipulação política. Pode-se problematizar que, da mesma forma que o ensino tecnicista do Estado Novo e do Governo Militar ainda apresentam marcas no ensino de arte contemporâneas, esse modo de ver o cinema sob o viés da educação acabou influenciando na forma como as atividades didáticas seriam desenvolvidas nas escolas.

Os mais de oitenta anos que nos separam dos primeiros movimentos para formulação de políticas públicas voltadas para aproximação entre educação e cinema não parecem ter nos levado a superar essa espécie de “marca de origem” que faz com que a presença de filmes na educação, sobretudo em âmbito escolar, tenha um caráter fortemente instrumental. Entendemos como “uso instrumental” a exibição de filmes voltada exclusivamente para o ensino de conteúdos curriculares, sem considerar a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p.69).

Sobre essa instrumentalização, Hollben [20--] problematiza afirmando que, mesmo com toda a evolução tecnológica que possibilitou a entrada dos filmes no espaço escolar, as configurações

de ensino ainda se concentram na escrita e na oralidade, negligenciando e, até mesmo, ignorando outras formas de conhecimento. O que Hollben [20--] afirma é que, uma vez que uma forma de conhecimento, ou um determinado conteúdo é priorizado, cria-se uma hierarquia que inferioriza as demais formas de aprender. Nesse sentido, quando recursos midiáticos como a imagem e o som aparecem no planejamento didático, são usados como ferramenta. A autora ainda problematiza o porquê dessa instrumentalização dos filmes nas escolas, e elucida que grande parte do problema reside no não reconhecimento do cinema como conhecimento.

Até quando ignoraremos o fato de que cinema é conhecimento? [...] Afinal, educação não tem mesmo nada a ver com cinema? Atividades pedagógicas e imagens filmicas, são necessariamente, incompatíveis? Porque se resiste tanto em reconhecer nos filmes de ficção a dignidade e a legitimidade culturais concedidas, há séculos, à ficção literária? [...] porque o desconhecimento de obras e autores importantes da literatura é visto como um grave problema a ser enfrentado pelos meios educacionais, enquanto o fato de a maioria dos brasileiros ignorar a existência de incontáveis obras da nossa cinematografia (algumas delas incluídas entre as melhores do mundo) é tratado como algo totalmente irrelevante (mesmo nós, professores, muitas vezes desmerecemos essa produção?)" (DUARTE, 2002, p.21).

Entretanto, como possibilitar a experiência do cinema nas escolas, quando o que se é observado nas escolas é o cinema afastado da linguagem, mas reduzido a instrumento? Bergala (2008) defende que essa experiência completa do cinema só pode acontecer se o filme deixar de ser visto como objeto, um produto fechado, e passar a ser visto sob o ponto de vista do processo criativo artístico. Ou seja, para entender, estudar, analisar um filme, deve-se passar pelo gesto da prática da criação. Assim, cada cena, cada plano composto pelo diretor e sua equipe, poderá ser entendido como parte de um processo de criação que englobe diferentes departamentos (BERGALA, 2008).

Essa experiência da prática do cinema é considerada insubstituível por Bergala (2008). Segundo o autor, uma vez que os alunos passam a fruir um filme pensando-o através de todo o processo que o compõe, o pensar cinema passa a ser colocado em confronto com as práticas dos alunos e dos professores constantemente. Assim, o processo criativo do cinema, e dos alunos, ganham destaque. O importante deixa de ser o resultado final, mas todo o processo que levou a esse resultado.

Seguindo a lógica de Bergala, o programa *Circuito Imagem em Movimento* apresenta um grande diferencial ao exigir um projeto dos professores participantes que proponha a produção de um

curta metragem com os alunos. Dessa forma, os estudantes que participam das visitas oferecidas pelo Circuito, em teoria, tem a possibilidade de viver a experiência Cinematográfica oferecida pelas curtas metragens; participarem de um debate sobre a linguagem do cinema e o conteúdo dos filmes; conhecerem um breve contexto da história do cinema, e ainda, colocar esses conhecimentos em teste em sala de aula ao longo do ano, criando sua própria produção audiovisual.

Entretanto, pensando no que Bergala considera ideal, nas atividades do Circuito Imagem em Movimento, e, ainda, em prática do cinema no espaço escolar, há um sujeito que perpassa essas questões que muito é citado, mas pouco é investigado, visto tamanha responsabilidade que é atribuída a ele: o professor. Desde a escolha dos filmes que serão trabalhados, passando pela elaboração de atividades pedagógicas, ao ato de mediar a experiência do cinema com os alunos na escola, o professor é a figura central que ocupará o espaço entre o cinema e o aluno.

Segundo Napolitano (2003), quando um adulto, e aqui destacamos o professor, se coloca na posição de mediador de arte, ele abandona momentaneamente sua posição de professor para ocupar um lugar perante os alunos que dá mais abertura para que o seu Eu verdadeiro apareça. A parede invisível que existe entre professores e alunos é removida, e relações mais pessoais acabam sendo estabelecidas, uma vez que a arte faz com que esse professor exponha seus gostos e impressões pessoais sobre um determinado assunto. Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que as experiências pessoais e profissionais vivenciadas pelo professor, irão afetar em sua prática docente, se fazendo necessário conhecer as trajetórias desses docentes. Nesse sentido, espera-se que os estudos trazidos por Maurice Tardif tragam um entendimento das possíveis relações entre as experiências e os saberes de um professor e sua escolha para trabalhar um determinado assunto em sala de aula, no caso desta pesquisa, cinema.

Docentes do Circuito Imagem em Movimento

Até o presente momento, três professores foram entrevistados. Cada professor respondeu a um questionário com questões mais técnicas relacionadas a formação profissional; infraestrutura da escola e sua participação no *Circuito*. Seus projetos também já foram lidos, sendo privadamente analisados. Cruzando os dados das entrevistas, dos questionários e dos projetos de cada professor, foi possível observar vários pontos em comum no discurso dos entrevistados. O

primeiro deles se refere ao fato de que os três professores participantes do *Circuito Imagem em Movimento* possuem uma trajetória pessoal muito vinculada ao cinema. Diferentes partes de seus depoimentos apontam que desde a infância a Sétima Arte teve forte presença em suas vidas. Tudo indica que os três docentes tomaram a iniciativa de procurar um programa da SMED para propor uma atividade diferenciada para seus alunos, uma atividade que envolvesse cinema, e o fizeram por uma motivação pessoal. Ou seja, como já possuíam uma conexão com a Sétima Arte, se sentiram confortáveis para se integrarem ao Circuito Imagem em Movimento.

Foi possível observar também que essa paixão pessoal pelo cinema interferiu na formação profissional desses professores. Seja por meio de leituras, da participação de cursos livres e, principalmente pelo consumo regular de filmes de vários gêneros, todos desenvolveram um conhecimento acima da média sobre o universo cinematográfico. Por outro lado, nenhum dos três citou qualquer incentivo por parte das escolas para que investissem nessa formação. Um ponto preocupante concerne o desconhecimento por parte desses docentes das diretrizes que propõem a presença do cinema no currículo pedagógico.

O terceiro ponto que merece destaque e que dialoga com os estudos realizados para essa pesquisa diz respeito ao fato da naturalização do uso do cinema de forma instrumental por parte desses professores. Embora apenas uma seja professora de arte, chama atenção que esses professores não só utilizam o cinema apenas como uma ferramenta, mas também não conseguem nem mesmo reconhecer essa deficiência, como acontece com dois docentes. Ambos afirmaram que trabalhavam o cinema passando filmes, mas nenhum dos dois problematizou essa questão ou deu indícios de considerar essa prática aquém do potencial do cinema como linguagem.

Essas observações fazem entender que os professores participantes utilizavam o cinema como um instrumento e que, a partir do Circuito Imagem em Movimento, suas práticas começam a ser alteradas. Indica-se que o cinema não está mais presente apenas como um filme a ser exibido. A visita guiada dos alunos ao Museu de Imagem e do Som e as participações das sessões comentadas dos Cine Santa Tereza e Cine Sesc Palladium, se tornam um elemento novo no planejamento didático que traz novas perspectivas para os alunos, e também para os professores. Os estudantes passam a ter acesso a uma diferente forma de produção audiovisual com os curtas metragens, além participarem de análises fílmicas que abordam aspectos técnicos e estéticos dos

filmes. Além disso, as atividades propostas pelo Circuito Imagem em Movimento repercutem nas práticas docentes desses professores quando, como dito anteriormente, as exibições de filmes passam a ser seguidas de análises mais aprofundadas e com o objetivo de entender os aspectos que compõem o produto cinematográfico. E ainda, o fato dos alunos produzirem exercícios práticos de produção audiovisual, culminando em um curta-metragem no final do projeto, mostra como a prática docente do professor extrapola a sala de aula e se torna totalmente diferente do que era realizado antes do Circuito.

É importante considerar que esses resultados se referem aos depoimentos dos professores, sem uma observação da prática docente. Esse fator indica um leque de desdobramentos da pesquisa para o futuro.

Referências

ABREU, Isabel Alves. *Cinema e Escola: um estudo com professores participantes do Circuito Imagem em Movimento*. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Plásticas. Escola Guignard - Universidade do Estado de Minas. Belo Horizonte, 2018.

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema*. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BERGALA, Alain/ Entrevista Por: Beatriz Vichessi. In: *NOVA ESCOLA*. Edição 255, 01 de Set. 2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/922/entrevista-com-alain-bergala>>. Acesso em: 25 Mai. 2018.

BRASIL. LEI Nº 13.006. 26 jun, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte: Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 116 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte: Ensino de quinta a oitava séries. I. Título.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Mônica. *Fragments e imagens de crianças no cinema: a inversão do olhar*. In: 27ª

Reunião Anual da Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Educação, 2004, Caxambu/MG. Anais do Grupo de Trabalho Educação e Comunicação.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *Luz, câmera e história!* Práticas de ensino com o cinema/ Rodrigo de Almeida Ferreira – 1.ed – Belo Horizonte: Autentica editora, 2018. (Coleção Práticas Docentes).

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação*. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

FRESQUET, Adriana. *Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman*. In: 31ª Reunião Anual da Anped, 2008, Rio de Janeiro/RJ. Anais Grupo de Trabalho - Educação e Comunicação.

HOLLEBEN, Índia Mara Aparecida Dalavia de Souza. *Cinema & educação: Diálogo Possível* Orientadora - IES Esméria de Lourdes Saveli – UEPG, [20--]

TEIXEIRA, I. A. C., GRAMMONT, M. J., AZEVEDO, A. L. F. “*Me ajuda a olhar!*”: O cinema na formação de professores(as). *Revista Educação em Foco*. Ano 17 - n. 24 - dezembro 2014 - p. 123-143.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. LOPES, José de Sousa Miguel. *A escola vai ao cinema / organizado por Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes*. – 2 ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula/ Marcos Napolitano*. 0 São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC 1ª versão*. Brasília, DF, 2016.